

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## HERMENÊUTICA CRIOLA

Creole Hermeneutics

Evelin Sibebe Ramalho Sganzerlla

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a hermenêutica a partir de um olhar feminino negro/crioulo. Esta abordagem está fundamentada nas discussões, reflexões e textos do Plano de Curso da disciplina de Hermenêutica, ministrada no Curso de Doutorado da Faculdades EST, pelo professor Dr. Flávio Schimitt.

**Palavras-chave:** Hermenêutica. Teologia Negra. Mulher Negra. Novo Olhar. Bíblia.

### Abstract

This article aims to discuss about hermeneutics from a black/Creole feminine look. This approach is based on the discussions, reflections and texts of the Course Plan of the discipline of Hermeneutics delivered at the Doctoral Course of Faculdades EST by Professor Dr. Flávio Schimitt.

**Keywords:** Hermeneutics. Black Theology. Black woman. New look. Bible.

### Considerações Iniciais

*Quem pode ter nascido negro, e não cantar o prodígio, a alegria, o desafio de sê-lo? Quem pode ter nascido negro e não cantar de alegria???*<sup>1</sup>

Para refletirmos uma hermenêutica pela ótica da negritude, precisamos considerar o negro e a negra como protagonistas das suas próprias histórias, nas formas de resistência e convivência. Nesse sentido, precisamos abordar sobre a experiência de Deus que o povo negro fez e faz na sua relação de africanidade e dos elementos afro-brasileiros que se

<sup>1</sup> SOUSA, Cruz e, 1861-1898. *Obra Completa: poesia/João de Sousa*; organização e estudo por Lauro Junkes - Jaraguá do Sul: Avenida, 2008.

associam a cultura e a religiosidade dos negros e negras no Brasil. De uma maneira objetiva, é necessário considerar o que a Bíblia significou e representa na história, na resistência do povo negro no Brasil.

Segundo Heitor Frisotti, a Bíblia é uma ferida, um prato cheio e uma fonte<sup>2</sup>. Pois foi usada para legitimar a opressão do senhor, do feitor, do macho, do juiz: do poder branco. *FERIDA* - mortal que procurou matar a liberdade, a dignidade, a fé e a identidade do povo negro. *UM PRATO CHEIO* - a bíblia dos pobres, como exemplo de Antônio Conselheiro, que copiou trechos da Bíblia (em latim) que o animavam espiritualmente e eram objeto de suas pregações, pois em Canudos haviam muitos negros e negras.

E por fim *UMA FONTE* - ainda amarga, pois a história não mudou. A Bíblia ainda é usada para discriminar quem não a conhece e não a segue. Ainda está cheia de etnocentrismo disfarçado de eleição e salvação. Para tanto, uma abordagem se faz necessária na perspectiva negra e de suas especificidades dentro do conjunto das expressões e representações teológicas.

### **Os negros e a Bíblia**

Para começar, traçamos uma breve reflexão em relação ao processo histórico do povo negro e a Bíblia, bem como seu processo de construção hermenêutico afro-brasileiro. Para essa discussão, nos apoiamos na leitura de Heitor Frisot<sup>3</sup>, que nos traz algumas informações da caminhada dos negros e negras pelo Brasil. A tradição teológica ocidental ignorou a presença negra na constituição da Bíblia, por motivos epistemológicos. Da Mesopotâmia surgem as raízes. Sob o pressuposto de que nada de bom pode vir da África.

Peter Nash defende que podemos falar da presença negra na Bíblia pelo menos de quatro maneiras diferentes: genealogicamente, geograficamente, mitologicamente e teologicamente. Enquanto que Claude Lévi-Strauss defende que a mentalidade mítica e a mentalidade científica podem coexistir, ou melhor, coexistem simultaneamente.

Frisot ressalta que antes de falarmos do que a Bíblia pode significar e/ou representar para o povo negro, é necessário lembrarmos o que ela significou e/ou representa na sua história, são apenas algumas representações, entre tantas outras, de

<sup>2</sup> FRISOTTI, Heitor. Povo negro e Bíblia: retomada histórica. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla*, 19, p. 36-48. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>3</sup> FRISOTTI, 1994.

indicadores de possibilidades de leitura e vivência e releitura dos textos sangrados da Bíblia na história e vida do povo afrodescendente.

Na história do povo negro brasileiro, observamos que a leitura da Bíblia legitimou a opressão e a escravidão do poder branco. Uma ferida mortal e histórica, herança do período colonial, que matou a liberdade, a dignidade, a fé e a identidade do povo negro. Uma ferida porque não foi neutra, mas foi testemunha de que Deus estava do lado do rei, do senhor de escravizados/as, do rico, do bispo, do branco. Isto apresentado de forma figurada com a expressão “cara”<sup>4</sup>.

A Bíblia tem cara de senhor, pois foi usada para legitimar a espoliação e escravidão. A Bíblia tem cara de feitor, pois foi usada para legitimar a condição de sofrimento do negro e amaldiçoar sua raça. A Bíblia tem cara de juiz inquisidor, pois foi usada para demonizar a religião do negro e da negra, em que toda referência bíblica aos ídolos, aos sacrifícios, aos espíritos dos mortos, à rebeldia e à nudez tornava-se argumento que estigmatizava e exorcizava algumas manifestações religiosas<sup>5</sup>.

A Bíblia tem cara de branco porque foi usada para legitimar a superioridade racial do branco e o branqueamento quando pós-movimentos de libertação, quando as algemas não podiam sujeitar os negros e negras libertas. A Bíblia tem cara de macho, pois a leitura machista colonial reforçou estas passagens e atribuiu à mulher, principalmente a negra, a fraqueza da carne, a sensualidade, a tentação e o pecado, assim como atribuiu a Deus características exclusivamente masculinas<sup>6</sup>.

Sendo assim, é urgente que as experiências negras sejam levadas à sério dentro da reflexão teológica Latino-Americana, pois oferecem uma visão crítica e novas propostas de diálogo.

Vale ressaltar que, dentro da cultura africana, a noção de sacrifício ainda é muito forte, o que define a mulher africana é o autossacrifício. Já nos Estados Unidos, a Teologia mulherista (womanist), tem muito claro que, como mulheres negras, sentem que sofrem tripla opressão: por serem negras, mulheres e pobres. Acreditam que uma teologia que queira ser de libertação precisa levar em consideração este tripé: raça, classe e sexo.

---

<sup>4</sup> FRISOTTI, Heitor. A Bíblia e o povo negro. In: *Cartilha Pílulas para enfrentar o racismo no Brasil*. O racismo e sua incidência no Brasil: uma reflexão dos missionários combonianos do Nordeste. ECOOOS/CENPAH, nov. 2011, p. 15.

<sup>5</sup> FRISOTTI, 2011, p. 15-16.

<sup>6</sup> FRISOTTI, 2011, p. 15-16.

Este olhar nos remete a uma forma diferente de compreender a hermenêutica bíblica que, na perspectiva da negritude, é apresentada pelo movimento negro a partir das várias leituras populares feitas na história do Brasil, com o intuito de despertar a sociedade para uma leitura bíblica que se preocupa com a vida comunitária e a luta contra as injustiças.

A história até então não mudou, a discriminação persiste, ainda hoje há etnocentrismo, as mulheres, inclusive, continuam excluídas, até o presente momento não foi revelado o rosto feminino de Deus. Lamentavelmente a imagem de Deus legitima poderes autoritários e violentos toda vez que é usada para inferiorizar, discriminar e excluir<sup>7</sup>.

Isso prova que o racismo branco foi, na verdade, a fé ecumênica mais forte dentro da sociedade norte-americana, capaz de unir protestantes, católicos, judeus, democratas e republicanos, liberais e conservadores, céticos e religiosos. Paulatinamente, o racismo branco foi incorporado à religião civil norte-americana.

Foram as igrejas que deram identidade aos negros que mantiveram acesa sua esperança de liberdade e que fomentaram a insurreição no seu bojo.

Através desta promoção das suas capacidades, nasce o movimento Black Power nos Estados Unidos, em que os negros procuravam: autodeterminação; novas definições e critérios de valor para si, um novo senso de dignidade e orgulho e a liberdade de poderem traçar seus próprios destinos.

Entendemos que é fundamental a necessidade de ler a realidade e tomar partido para mudar a história e o caminho de solidariedade. Assim, se faz necessário uma conversão da própria forma de ler e/ou reler os textos sagrados da Bíblia e de interpretação dentro do quadro sociopolítico, cultural, racial e religioso.

### **Teologia feminista negra**

A teologia feminista surgiu, no contexto do século XX, em sintonia com o próprio movimento feminista. Preconizando a ampliação civil e política dos direitos das mulheres, o feminismo resgatou princípios desenvolvidos em séculos anteriores<sup>8</sup>. Para a teologia feminista, são marcos importantes a publicação da *Womans Bible* (Bíblia da Mulher), de Elisabeth Cady Stanton, em 1895 e 1898, nos Estados Unidos; a fundação da Aliança

---

<sup>7</sup> FRISOTTI, 2011, p. 17.

<sup>8</sup> DEIFELT, Wanda. Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia*. Intepelações e perspectivas. São Paulo: Loyola, 2003, p. 171.

Internacional Joana D'Arc, na Grã-Bretanha, em 1911, por mulheres católicas; e a ordenação de mulheres pelas principais igrejas protestantes em meados do século XX<sup>9</sup>.

Na América Latina, o termo Teologia Feminista de Libertação foi adotado, oficialmente, em dezembro de 1993, no Encontro Regional das Teólogas da Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo, no Rio de Janeiro. Antes disso, o fazer teológico a partir da realidade das mulheres era voltado para a sua valorização, tanto dentro da Igreja como na sociedade, havia utilizado nomenclaturas como “teologia da mulher”, “teologia na ótica da mulher”, ou “teologia feminina”.

A teologia feminista utiliza a teoria das relações de gênero como instrumental de análise, avaliando como os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres são construídos<sup>10</sup>. Estuda como as relações entre os sexos são constituídas perguntando, principalmente, pelo papel desempenhado pelas mulheres. Uma crítica feminista reconhece que a desigualdade entre homens e mulheres é causada por estruturas sociais, justificada através de diferenças biológicas e mandatos divinos.

A teologia feminista critica os aspectos da tradição religiosa que fundamentam qualquer tipo de discriminação e retoma aqueles elementos libertadores e afirmadores de dignidade que estão na raiz do cristianismo (e de outras religiões). Reafirma que todos os seres humanos — homem e mulher — são criados à imagem de Deus e que, a partir de Jesus Cristo e no batismo, já não há mais motivos para discriminação, pois somos novas criaturas em Cristo.

A teologia feminista surgiu como reação às correntes teológicas existentes no século XX (teologia do processo, teologia da esperança, teologia negra e Teologia da Libertação), apontando que estas dão uma contribuição importante (visibilizam os pobres, oprimidos, negros/as e marginalizados), mas nem sempre tomam em consideração as mulheres. Assim, a teologia feminista surge como um passo metodológico importante, afirmando que a experiência das mulheres (incluindo também suas experiências de fé) é o ponto de partida da reflexão teológica.

A experiência é um elemento chave dentro da teoria e prática feministas porque reconhece o papel que os eventos de nossas vidas e o nosso envolvimento pessoal têm nas formulações teóricas, sejam elas de cunho histórico, político ou teológico. A experiência

---

<sup>9</sup> GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 415-416.

<sup>10</sup> DEIFELT, 2003, p. 172.

coloca-se como critério hermenêutico. No entanto, a experiência não pode ser tomada como a origem do próprio conhecimento e do conhecimento da realidade bíblica e do próprio processo de interpretação. As experiências de opressão e libertação tornam-se o eixo central da Teologia Feminista.

Na década de 1980, a Teologia Negra questionou a cor do feminismo. A teóloga negra Delore Williams apontou que o feminismo branco não servia para as mulheres negras por uma série de questões, tais como a falta de isenção do preconceito racista do próprio movimento feminista. Além disso, a crítica que a Teologia Feminista faz se resume somente ao patriarcado, ao poder masculino, mas para as mulheres negras ela vai além: é uma crítica ao poder exercido pelos homens e mulheres brancas sobre as mulheres negras<sup>11</sup>. Assim:

[...] a mulher negra é invisível não só no interior do sistema patriarcal, mas também no interior do próprio movimento feminista e da teologia feminista. Se o patriarcado produz o sexismo como opressão da mulher em razão do sexo/gênero, o sistema perverso que oprime a mulher negra gera uma dupla opressão em razão do sexo/gênero e da raça<sup>12</sup>.

Diante destas e tantas outras questões de opressão e negação, cabe a nós fazermos uma leitura crítica desses mecanismos sutis de opressão presentes no patriarcado que ocultam a experiência cotidiana, social e religiosa das mulheres<sup>13</sup>.

É pertinente ressaltar que no contexto latino-americano, o Movimento Feminista também exerceu influência sobre as teólogas negras, contudo, elas também viam um racismo camuflado no chamado feminismo branco. O fazer teológico feminista latino-americano é marcado pela criatividade e pela capacidade de conectar o aparentemente dissociado através de novas propostas hermenêuticas. Ética, interdisciplinaridade, corporeidade, cotidiano e comunidade, entre outros. Afirma Maricel Mena López:

Nós, mulheres negras, confrontamo-nos não apenas com o racismo e o sexismo da sociedade dominante e de suas estruturas patriarcais, mas nos deparamos, por um lado, com o racismo de um movimento feminista dominado por mulheres brancas e, por outro lado, com o antifeminismo e o heterossexismo normativo do movimento negro, somos esquecidas tanto como negras, quanto como mulheres,

<sup>11</sup> GIBELLINI, 1998, p. 410.

<sup>12</sup> GIBELLINI, 1998, p. 411.

<sup>13</sup> LÓPEZ, Maricel Mena. Eu sou um trovão: pensando numa metodologia bíblica negra e feminista. In: \_\_\_\_\_; NASH, Peter T. (Orgs.). *Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 165.

por isso a teologia negra feminista latino-americana quer colocar as experiências das mulheres negras no centro<sup>14</sup>.

A Teologia feminista negra tem um caráter ecumênico muito marcante e particular. Ao resgatar as experiências religiosas da cultura negra e de seus antepassados, acaba dialogando e interagindo com outras expressões religiosas. As experiências religiosas das tradições africanas estão relacionadas com a natureza e com o culto aos antepassados. A terra, os ancestrais, os rios, a comida, o axé, são parte da memória histórico-religiosa, parte da experiência de Deus e fundamentos de uma teologia com rosto negro.

A Teologia Negra emergiu para fazer cultivar a esperança de sobrevivência do povo negro. Em outras palavras, a Teologia Negra "é uma teologia de libertação". Ela é a afirmação da humanidade negra e emancipação do racismo branco e, conseqüentemente, geradora da verdadeira libertação, que acontece tanto para o povo negro quanto para o povo branco. Mas a Teologia Negra não contemplava a diversidade de contextos existentes no mundo, portanto, não enfocava outras pessoas em situação de opressão e marginalização. Era preciso uma reformulação do pensamento teológico desenvolvido nos Estados Unidos.

A própria questão de gênero não foi considerada pela Teologia Negra, já que, em seu início, havia um silêncio em relação à experiência das mulheres negras, mesmo elas constituindo uma porcentagem grande da população negra e um número bastante expressivo da Igreja Negra. Falava-se da experiência de homens negros, isenta da contribuição por parte das mulheres negras. Esse silêncio foi desafiado com o aparecimento de teólogas negras, tomadas pela consciência feminista e negra.

Na Hermenêutica Negra Feminista, a mulher negra passa a ter visibilidade e se assume como intérprete e artífice da história. A preocupação primária da Hermenêutica Negra Feminista é pela situação concreta do racismo, sexismo, classismo, subjacente à experiência das mulheres negras na América Latina.

Essa hermenêutica compreende que é necessário desmascarar a pretensa neutralidade histórica, bem como resgatar a mulher negra da condição a que foi submetida pelo imaginário sociorreligioso, formado por uma interpretação branca androcêntrica. Nesse imaginário, a mulher negra está sempre relacionada à fraqueza da carne, à sensualidade, à

---

<sup>14</sup> LÓPEZ, Maricel Mena. Sou negra e formosa: raça, gênero e religião. In: MUSSKOPF, André; STRÖHER, Marga (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 36.

tentação, ao pecado. A Hermenêutica Negra Feminista acredita ser indispensável à mulher negra tornar-se sujeito no labor teológico e, assim, reconstruir a presença negra feminina no mundo bíblico.

Já é possível perceber os impactos que uma hermenêutica negra tem provocado sobre a hermenêutica bíblica (como iniciar o processo interpretativo do texto sagrado pela hermenêutica negra), especialmente pela desconstrução de textos e interpretações sexistas e patriarcais, pela reconstrução de histórias e tradições de mulheres e pela construção de novas possibilidades de leitura e espiritualidade. Essa desconstrução não se dá apenas em nível teórico e acadêmico, mas na vida prática cotidiana.

Ivone Gebara destaca que há mais de 20 anos o feminismo trouxe à tona novos conceitos para a análise da condição da mulher<sup>15</sup>. Este proporcionou um espaço de reflexão acerca de conceitos discriminatórios e completamente excludentes e que determinavam a compreensão de mundo e assinalavam a figura masculina como a única referência.

Alguns aspectos que auxiliam a hermenêutica feminista a pontuar suas balizas de análise e suspeitas é a pesquisa fenomenológica e a pesquisa participante. Nesses métodos, as particularidades das experiências vividas é um dos pontos centrais. A hermenêutica feminista valoriza a fala e quem fala.

Edla Eggert nos ensina, por exemplo, da importância de retermos com várias suspeitas, os processos pedagógicos, que foram e continuam ainda sendo construídos e naturalizados. A autora destaca que precisamos buscar instrumentos de outros campos do conhecimento, para alimentar caminhos inusitados, questionando as hierarquias e revendo as margens onde as mulheres geralmente se encontram<sup>16</sup>.

Nessa perspectiva, concordamos com Maricel Mena López quando afirma que, para o exercício de uma metodologia negra feminista a partir de textos bíblicos, devemos deixar brotar a nossa subjetividade, nossa história de vida e a de tantas mulheres e homens que formam nosso cotidiano<sup>17</sup>.

Por isso, dizer a sua palavra a partir do seu lugar é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida. Dizer o que sente, o que sofre, quais as alegrias vividas, é devolver a dignidade perdida ou ocultada pelas práticas excludentes patriarcais. Pensar

---

<sup>15</sup> GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 38.

<sup>16</sup> EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009, p. 17-41.

<sup>17</sup> LÓPEZ, 2003, p. 157.

sobre as histórias de vida e fazer disso uma prática que repensa a vida é promover o protagonismo e empoderamento das mulheres.

Essas formas de ser e fazer viabilizam relações sociais mais justas e igualitárias entre os seres humanos. É isso que o feminismo busca e espera das relações entre homens e mulheres. A partir dessa hermenêutica, percebe-se a complexidade dos mecanismos sociais, religiosos, econômicos, psicológicos e culturais.

### **Considerações Finais**

O povo negro passa a ver que, Jesus com sua presença, deixou um legado: percepção da existência com liberdade e não com escravidão; percepção de uma transcendência, uma vez que Cristo é parâmetro da humanidade e sua vida e sofrimento têm elementos que permitem uma identificação com o sofrimento do povo negro. Esta nova teologia pressupõe uma compreensão dos mecanismos de poder da sociedade a partir de uma teoria social desmistificadora; uma prática política e de fé capaz de transformar a presente ordem; e a capacidade de organizar e de governar esta nova ordem de forma mais humana.

Podemos começar com a seguinte pergunta: será que o paraíso fica na África? Esta relação genealógica é importante para a preservação da identidade ética. Por isso, converte-se numa chave hermenêutica importante para as comunidades negras. Isto significa que os nossos ancestrais deixaram para nós também este legado bíblico que potencializa os nossos anseios de justiça para com o povo negro.

Por fim, possibilitar ainda um diálogo intercultural e religioso com as comunidades e religiões de origem africana em nosso continente, as quais motivem as inquietações bíblico-teológicas.

Com relação ao etnocentrismo, para superá-lo são necessárias duas atitudes: demonstrar o seu caráter ideológico do etnocentrismo teológico, é preciso desconstruir o discurso etnocêntrico. É necessário falar da negritude da Bíblia porque ela nos foi negada por muito tempo. A Bíblia foi utilizada para “domesticar” o povo negro.

De um modo geral, o que entendemos com toda essa reflexão, é que a teologia negra feminista e negra demarca um novo território teológico, pois não sustenta apenas o ingresso e o acesso dos negros e das mulheres à Teologia. Ela demarca o campo de ação teológica com um diferencial: chama a atenção para a exclusão das mulheres e dos negros

proclamada a partir dos discursos, ações e ritos patriarcais baseados em argumentos e concepções errôneas da biologia e do divino.

Assim, a Teologia Negra Feminista com suas interpelações, reflexões e ações, propõe uma reorganização da teologia, dos espaços de debates teológicos e da igreja. Além disso, a hermenêutica crioula tem uma contribuição muito importante a nos dar, pois trazer as histórias de vida, as experiências vividas e a possibilidade das suspeitas do que está dado como norma e regra, faz da hermenêutica feminista uma aliada comprometida com a transformação social, cultural e religiosa.

Enfim, a hermenêutica negra e feminista é uma nova forma de compreender e apreciar o sagrado por uma ótica mais inclusiva.

## Referências

DEIFELT, Wanda. Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia*. Interpelações e perspectivas. São Paulo: Loyola, 2003.

EGGERT, Edla. *Narrar processos*: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

FRISOTTI, Heitor. Povo negro e Bíblia: retomada histórica. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla*, 19, p. 36-48. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. A Bíblia e o povo negro. In: *Cartilha Pílulas para enfrentar o racismo no Brasil*. O racismo e sua incidência no Brasil: uma reflexão dos missionários combonianos do Nordeste. ECOOOS/CENPAH, nov. 2011.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

LÓPEZ, Maricel Mena. Eu sou um trovão: pensando numa metodologia bíblica negra e feminista. In: \_\_\_\_\_; NASH, Peter T. (Orgs.). *Abrindo sulcos*: para uma teologia afro-americana e caribenha. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

\_\_\_\_\_. Sou negra e formosa: raça, gênero e religião. In: MUSSKOPF, André; STRÖHER, Marga (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade*: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SOUSA, Cruz e, 1861-1898. *Obra Completa*: poesia/João de Sousa; organização e estudo por Lauro Junkes - Jaraguá do Sul: Avenida, 2008.